

A CONTRIBUIÇÃO DAS MODALIDADES COMUNICATIVAS NA CONTEXTUALIZAÇÃO DA REPORTAGEM HIPERMÍDIA “O GOLPE E A DITADURA MILITAR”

The contribution of communicative modalities in the context of hypermedia news reporting "The coup and the military dictatorship"

La contribución de las modalidades de comunicación en el contexto de la reportaje hipermedia "El golpe y la dictadura militar"

Alciane Nolibos Baccin

Docente do Mestrado Profissional em Jornalismo
no FIAM-FAAM Centro Universitário
alcianebaccin@gmail.com

Resumo

A reportagem é o gênero mais completo do jornalismo, onde várias modalidades comunicativas (texto, áudio, vídeo, fotos, hiperlinks) são usadas para contar as histórias. Em virtude da importância que a reportagem tem no jornalismo, nos propomos a refletir sobre este espaço nobre que jornalistas e instituições midiáticas dispõem. Para tanto, o objetivo deste artigo é analisar como é construída a contextualização na reportagem hipermídia “O Golpe e a Ditadura Militar”, veiculada no site do jornal Folha de S.Paulo, identificando as modalidades comunicativas utilizadas e como elas operam na construção da contextualização. Consideramos que a união e integração das várias modalidades comunicativas ampliam a contextualização da reportagem hipermídia.

Palavras-chave: Reportagem hipermídia. Contextualização. Jornalismo digital.

Abstract

The news reporting is the most complete genre of journalism, where several communicative modalities (text, audio, video, photos, hyperlinks) are used to tell the stories. Because of the importance that the reporting has in journalism, we propose to reflect about this noble space that journalists and media institutions have. Thus, the aim of this article is to analyze how is built the contextualization in the hypermedia reporting "The coup and the military dictatorship", broadcast on the website of the newspaper Folha de S.Paulo, identifying the used communicative modalities and how they operate in the construction of contextualization. We consider the unity and integration of the various communicative modalities extends the context of hypermedia reporting.

Key words: Hypermedia news reporting. Contextualization. Digital journalism.

Resumen

El reportaje es el género más completo del periodismo, donde se utilizan varias modalidades comunicativas (texto, audio, vídeo, fotos, hipervínculos) para contar las historias. Debido a la importancia que el reportaje tiene en el periodismo, nos proponemos reflexionar sobre este noble espacio que los periodistas y los medios de comunicación tienen. Por lo tanto, el propósito de este artículo es analizar cómo se construye la contextualización en la reportaje hipermedia "El golpe de Estado y la dictadura militar", transmitido en el sitio web del periódico Folha de S.Paulo, la identificación de las modalidades comunicativas utilizadas y la forma en que operan en la construcción de la contextualización. Consideramos que la unidad y la integración de las diversas modalidades comunicativas extiende el contexto del reportaje hipermedia.

Palabras clave: Reportaje hipermedia. Contextualización. Periodismo Digital.

1 INTRODUÇÃO

Sempre ao longo da história do jornalismo, a atividade passou e passa por transformações, muitas das quais decorrentes das descobertas de novas tecnologias de informação e comunicação (TICS) e outras em virtude de mudanças sociais que ocorrem. A popularização das TICS e o avanço dos usos dos meios digitais mudam a maneira não só como o público em geral aciona esses meios para produzir e divulgar informações, mas também como o jornalismo utiliza esses meios para contar as histórias.

Essa dinâmica demanda uma constante reflexão sobre o jornalismo produzido pelas instituições midiáticas e, principalmente, sobre o gênero que mais utiliza a narração de histórias – a reportagem. Devido à importância que a reportagem exerce dentro do jornalismo – gênero mais completo, se faz necessário refletir sobre este espaço nobre que jornalistas e instituições midiáticas dispõem para produzir narrativas que envolvam os leitores/usuários e contextualizem a história. Para isso, recorremos a autores clássicos que discutem as características da reportagem tanto no impresso (LAGE, 2001; CHAPARRO, 1998; BAHIA, 1990; MELO, 1985) quanto no ambiente digital (MACHADO, 2002; LONGHI, 2009; GARCÍA, 2012), bem como a questão da contextualização (PAVLIK, 2005; ZAMITH, 2013). Focamos também nosso olhar nas várias modalidades comunicativas que este gênero reúne quando produzido a partir de lógicas digitais para os sites de jornais. Adotamos o termo modalidades comunicativas para referir-nos a todos os recursos utilizados para contar a história, seja texto, áudio, vídeo, fotos, infográficos, hiperlinks, animações.

Entre os pilares da reportagem está o aprofundamento do tema, a humanização dos relatos e a contextualização dos acontecimentos. Essas são questões que motivam as investigações desta pesquisadora. Porém, neste artigo faremos um estudo, tendo como base a análise de conteúdo, sobre um desses aspectos, a contextualização, relacionando-o às várias modalidades comunicativas presente na reportagem. Nosso objetivo principal é analisar como é construída a contextualização na reportagem hipermídia “O Golpe e a Ditadura Militar”, veiculada no site da Folha de S.Paulo no dia 23 de março de 2014, identificando quais modalidades comunicativas são utilizadas e como essas modalidades são trabalhadas para construir a contextualização dos acontecimentos.

2 A REPORTAGEM “O GOLPE E A DITADURA MILITAR”

A reportagem hipermídia “O Golpe e a Ditadura Militar” faz parte da série “Tudo Sobre”, do Jornal Folha de São Paulo, que já se configura como exemplo de pioneirismo nos novos modelos de grandes reportagens digitais no país. A série foi encabeçada pelo especial “A Batalha de Belo Monte”, em 2013, que rendeu ao jornal a medalha de prata na categoria online no Prêmio Internacional de Infografia Malofiej, concedido pela *The Society for News Design*. A reportagem “O Golpe e a Ditadura Militar” é assinada por Ricardo Balthazar, Lucas Ferraz, Érica Fraga, Bernardo Mello Franco, Fabiano Maisonnave e Ricardo Mendonça, mas traz uma relação de outros 20 profissionais entre editores de imagens, arte e vídeo, designs e responsáveis pelas pesquisas. A reportagem hipermídia resulta em um trabalho abrangente, aprofundado e bem construído visualmente.

No site do jornal, a reportagem hipermídia “O Golpe e a Ditadura Militar” está situada dentro da editoria de Política, no link “50 anos do Golpe” que leva para uma página onde estão reunidos todos os materiais da Folha referente ao cinquentenário do Golpe. O link que abre a reportagem tem lugar de destaque na página (Figura 01). O acesso à reportagem hipermídia também pode ser feito por meio da secção de Especiais.



Figura 01 – Imagem da página da Editoria de Política do jornal Folha de São Paulo
Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2014/50anosdogolpede1964/>

A reportagem abre com um texto de introdução do assunto, onde destaca o viés da reportagem – o desconforto que a ditadura causa mesmo 50 anos depois do golpe. Nesta página de abertura (Figura 02) além do texto que posiciona o tema traz um “tabuleiro” com 12 depoimentos de personagens que de alguma maneira tiveram envolvimento com pelo menos um dos episódios que marcaram os anos de ditadura militar no Brasil.



Figura 02 – Página de abertura com a temática de Introdução
Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar/index.html>

Para ter acesso aos demais materiais, o leitor/usuário pode seguir linearmente a reportagem, por meio de uma seta no final de cada página ou ir ao índice (Figura 03) e escolher a temática que quer acessar. A reportagem está dividida em seis temáticas (Introdução, A Crise, A Ditadura, A Economia, A Abertura, O Acerto de Contas). Ainda traz uma página com suposições de como teria sido o país sem o golpe de 64 ou sem algum dos episódios-chave da ditadura militar, outra página com artigos de opinião, outra com as fontes e referências de pesquisa, e ainda outra do expediente e links para redes sociais.



Figura 03 – Ao clicar no ícone do índice no canto superior direito, abre a imagem que dá acesso às demais páginas da reportagem multimídia.

Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar/index.html>

A abordagem das demais temáticas:

- ✓ **A Crise:** Aborda a deposição do presidente João Goulart e o período turbulento da história do país e faz referência que, tanto a direita quanto a esquerda, demonstraram desprezo pela democracia. A página desta temática é conduzida pelo texto, mas reúne várias outras modalidades comunicativas, como galeria de fotos, infográfico animado, áudios, infográficos estáticos, porém requerem interação com o leitor/usuário e vídeos.
- ✓ **A Ditadura:** Esta temática destaca as pressões dos próprios militares ao governo e o combate aos opositores do regime, que levaram ao endurecimento e à forte repressão política. Nesta página, o grande destaque é para as imagens, são 16 fotos, quatro vídeos e dois infográficos. O texto cumpre a função de “costurar” a densidade informativa que as modalidades comunicativas trazem à narração da história.

- ✓ **A Economia:** É nesta temática que a reportagem demonstra, principalmente por meio de infográficos (seis), os números que fizeram o país crescer em marcha acelerada para ganhar legitimidade, mas criaram desequilíbrios que aos poucos estão sendo corrigidos com a volta da democracia. Dois dos seis infográficos requerem a interação do usuário para acessar às camadas de informações disponibilizadas.
- ✓ **A Abertura:** A temática aborda as questões que fizeram o então presidente Geisel decidir pela abertura política, o avanço da oposição e a volta da contestação nas ruas tornou o processo de fim da ditadura mais conturbado. A página reúne várias modalidades comunicativas, são 14 fotos, cinco infográficos, dois vídeos e um arquivo de áudio.
- ✓ **O Acerto de Contas:** Nesta temática, o principal tema é a Lei de Anistia, que para ser aprovada teve que beneficiar ambos os lados, perdendo os ex-guerrilheiros e protegendo ex-torturadores que faziam parte do regime militar. O Acerto de Contas aborda também a falta de investigação nos crimes que mantém aberta a discussão para revisão da Lei. Nesta página, a estratégia da Introdução é repetida e os mesmos personagens que dão opiniões sobre o porquê Jango foi deposto compõem o “tabuleiro” de 12 vídeos com depoimentos sobre as “Memórias de 1964 e reflexões sobre o presente”. A página traz ainda quatro infográficos e um vídeo de depoimento dado na Comissão da Verdade.

3 CARACTERÍSTICAS DA REPORTAGEM NO MEIO DIGITAL

Antes de analisarmos cada modalidade comunicativa e sua função na contextualização da reportagem hipermídia “O Golpe e a Ditadura Militar” precisamos discutir as características que a reportagem assume no meio digital. Ela é a modalidade expressiva mais completa que o jornalista pode lançar mão para contar uma história, podendo ser caracterizada em duas linhas gerais: como uma notícia ampliada (BAHIA, 1990; MELO, 1985) e como um gênero autônomo (LAGE, 2001; CHAPARRO, 1998). Uma notícia ampliada porque aborda, além da descrição dos acontecimentos, o detalhamento, o questionamento de causa e efeito, a interpretação e o impacto, adquirindo outra dimensão narrativa e ética. Já para os autores que a defendem como um gênero autônomo, a reportagem não se resume apenas à ampliação da notícia - porque a notícia se detém a fatos imediatos -, mas compreende desde a simples expansão, situando o acontecimento em relação a outros fatos antecedentes, consequentes ou

correlatos até o relato capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente (LAGE, 2001).

Partindo da conceituação de reportagem de Sodré e Ferrari (1986), como um produto que apresenta quatro características fundamentais: a predominância da forma narrativa, a humanização do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados, e de Medina (1973), que compreende a grande reportagem como um produto composto pelo aprofundamento do tema, abordagem de antecedentes, contextualização e humanização do assunto, é possível refletir sobre as características que a reportagem assume nos meios digitais e como essas características contribuem para a contextualização do conteúdo.

A reportagem é, sem de dúvida, um dos caminhos mais abertos e que oferece múltiplas possibilidades para o jornalismo digital. Não só pelo potencial multimídia que o meio oferece, porque a televisão já possuía, antes mesmo da internet, a capacidade de reunir num mesmo meio texto, imagem e som. Mas pelo potencial hipermidiático que o meio dispõe ao jornalismo, como a possibilidade do aproveitamento do hipertexto e da interação para o entendimento completo da informação, “a hipermídia atua para a criação de narrativas nas quais o acompanhamento de informações adicionais ao texto significa, por si só, um elemento fundamental da informação on-line” (LONGHI, 2009, p.192).

Nos estudos sobre gêneros no contexto digital, Irene Machado (2002) afirma que o gênero é determinado pelo suporte em que está inserido. Um suporte, devido as suas características intrínsecas, torna-se um ambiente propício para o desenvolvimento de práticas particulares. As estruturas hipertextuais e multimídias estão desafiando os jornalistas a experimentarem diferentes formas para contar histórias no meio digital. Segundo García (2012, p.126, tradução nossa), este é “um dos principais campos de experimentação, onde a reportagem permanece como uma modalidade expressiva central para a informação diferenciada, profunda e aberta que os usuários precisam para dispor de critérios e poder tomar decisões cotidianas”¹.

As características do meio digital que a reportagem hipermídia assume são, além da multimidialidade, a hipertextualidade e a interatividade. A hipertextualidade é uma estrutura que possibilita a construção da narrativa não-linear, através da utilização do hipertexto. Segundo Canavilhas (2007), a hipertextualidade é um dos pontos mais relevantes jornalismo no ambiente digital, porque tem implicações na linguagem, nos gêneros e nos processos de

¹ Éste es ahora uno de los principales campos de experimentación, donde el reportaje permanece como una modalidad expresiva central para la información diferenciada, profunda y abierta que los usuarios necesitan para disponer de criterio y poder tomar decisiones cotidianas.

recepção, ao demandar a atuação de um receptor. A multimídia diz respeito à possibilidade de reunir recursos provenientes de diferentes formatos, como a imagem, o som e o áudio. Para Canavilhas (2007), a multimídia muda a maneira de estruturar a narrativa e aumenta as possibilidades do jornalista de construir a informação. Já a interatividade é a característica que possibilita ao leitor/usuário entrar em contato com o autor do conteúdo. As três características inter-relacionadas potencializam a interatividade.

4 A CONTEXTUALIZAÇÃO NA REPORTAGEM HIPERMÍDIA

Assim como nos outros meios (rádio, TV, jornais e revistas), a reportagem na internet recebe um tratamento mais trabalhado, aprofundado e visualmente mais rico, mas essa prática não é uma regra no jornalismo no meio digital. Ainda encontramos transposição do impresso, do rádio ou TV, comum nas primeiras gerações do jornalismo no meio digital, como define Mielniczuk (2003). De acordo com Zamith (2013, p. 20), limitar-se a (re)transmitir na internet um noticiário de rádio ou de televisão, por mais útil que isso seja, é utilizar o meio digital apenas como suporte de difusão alternativo, desvalorizando a multiplicidade de características e de possibilidades expressivas e comunicativas da rede mundial. “A Internet não só abarca todas as capacidades dos velhos media (texto, imagens, gráficos, animação, áudio, vídeo, distribuição em tempo real) como oferece um largo espectro de novas capacidades, incluindo a interatividade, acesso on-demand, controle por parte do utilizador e personalização” (PAVLIK, 2001, p. 3).

Ao longo dos anos, os estudos acompanharam o desenvolvimento da internet e Barbosa (2007) identificou a quarta e quinta geração do jornalismo em meio digital, que seriam, respectivamente, o jornalismo de base de dados (nesta fase, as bases de dados servem de sustentação para as práticas jornalísticas, desde a pré-produção até a pós-produção) e o paradigma do jornalismo de base de dados (reúne características de medialidade, horizontalidade, continuum multimídia, mídias móveis, aplicativos e produtos autóctones). Essas características ampliam e dinamizam a contextualização nas reportagens hiper-mídia.

Contextualizar num meio tradicional foi sempre uma tarefa difícil para o jornalista, por ter de incluir na notícia informações que não eram novas, “gastando” espaço (imprensa) ou tempo (rádio e televisão) que poderiam ser enriquecidos com outros conteúdos. A expansão proporcionada pela internet acabou com as limitações espaciais e temporais, ao

mesmo tempo fez confluír em um único meio, não só todos os meios existentes, como grande parte das fontes e um público cada vez mais ativo no processo informativo.

Tanto as correntes que conceituam a reportagem como ampliação da notícia quanto as que a definem como gênero jornalístico defendem a importância do aprofundamento e contextualização das informações na reportagem. Segundo García (2012, p.107, tradução nossa), “a reportagem tem conseguido situar-se na história do jornalismo como a modalidade jornalística que comunica, explica, analisa e examina os fatos e aprofunda em todos os aspectos os sucessos que narra”². Por isso, a questão da contextualização, que deve estar presente nas grandes reportagens independente do meio em que é produzida, requer uma atenção especial.

Em 2001, Pavlik já destacava que a web estava possibilitando ao jornalismo uma nova forma de produzir notícias, que ele próprio denominou como jornalismo contextualizado. Dez anos após ter definido o conceito, Pavlik atualizou sua descrição e incorporou ao conceito desenvolvimentos do jornalismo hiperlocal e outras formas emergentes de jornalismo, incluindo as mídias locativas e a realidade aumentada (ZAMITH, 2013, p.52).

Em sua tese doutoral, Zamith (2013, p.190) conclui que a prometida contextualização no ciberjornalismo tem pouco espaço para se concretizar em sua plenitude. Para o autor e para vários outros pesquisadores entrevistados por Zamith (2013), jornalismo contextualizado é sinônimo (ou pelo menos componente essencial) de bom jornalismo ou de jornalismo de qualidade. Porém, a maioria dos jornais digitais aposta no breaking news sem follow up, porque julgam que é isso que a audiência quer.

Por acreditar que é isso que os usuários querem, os jornais oferecem informação fragmentada e superficial. Porém, não é o que defende a professora e pesquisadora da Universidade do Chile, Mar de Fontcuberta (2006). Para ela, estamos diante de uma sociedade em que os fenômenos sociais são cada vez mais interligados, e essa explicação pela simplificação do que os usuários querem, não dá conta de oferecer um jornalismo de qualidade. Segundo Fontcuberta (2006, p.36, tradução nossa), o princípio da simplificação “ou bem separa o que está ligado (disjunção) ou unifica o que é diferente (redução). E, portanto, distorce”³.

² El reportaje ha conseguido situarse en la historia del periodismo como la modalidad periodística que comunica, explica, analiza y examina los hechos y profundiza en todos los aspectos de los sucesos que narra.

³ O bien separa lo que está ligado (disjunción) o bien unifica lo que es diverso (reducción). Y por lo tanto, distorsiona.

Para a autora, a produção jornalística funciona dentro de uma lógica sistêmica fechada (regrada), onde não há articulação com fatos anteriores e posteriores, cada assunto é abordado de maneira isolada, sem aprofundamento e interpretação dos fatos. Mar de Fontcuberta (2006) aponta que a desagregação de informações e a desarticulação dessas, a pouca profundidade com que os temas são trabalhados pelo jornalismo e a busca pela simplificação são características de um modelo de jornalismo contemporâneo. A autora nomeia esse modelo de “jornalismo mosaico”, que ocorre “quando um acontecimento que necessita ser explicado de diversos ângulos (político, econômico, social, etc.) se oferece de forma dispersa, desagregado nas seções de economia, política, etc. em lugar de oferecer ao leitor uma visão integral, suas implicações e suas consequências”⁴ (FONTCUBERTA, 2006, p.41, tradução nossa).

Para contrapor o jornalismo mosaico, Fontcuberta recorre a Thomas Kuhn para dizer que o sistema constitui um novo paradigma necessário para entender a sociedade complexa. Para a autora, o sistema é uma totalidade complexa composta por partes diferentes que estão inter-relacionadas e que interatuam numa organização. Ela defende que o jornalismo tem que acompanhar a complexidade da sociedade, contemplar as várias abordagens dos temas, articulá-los em um contexto e estabelecer uma gama de interações entre os temas e os públicos, contribuindo para que aos usuários construam sentido e interpretem a realidade apresentada. Isso, segundo Fontcuberta, é o “jornalismo sistema”, que é capaz de explicar “processos em que os fatos aparentemente novos ou inesperados são as sucessivas pontas de muitos icebergs sociais, cujas partes ocultas nunca foram o suficientemente mostradas”⁵ (FONTCUBERTA, 2006, p.42, tradução nossa).

Zamith (2013) e Fontcuberta (2006) concordam que o meio digital oferece mais possibilidades de contextualização, aprofundamento, inter-relação entre temáticas e fatos ocorridos. O jornalismo no meio digital já é fruto, conforme Fontcuberta (2006), de uma sociedade complexa e por isso requer um jornalismo sistema, porque o suporte digital proporciona a tecnologia necessária para que seja possível o acesso a uma informação mais ampla, rigorosa e contrastada.

5 AS MODALIDADES COMUNICATIVAS COMO POTENCIALIZADORAS DE CONTEXTUALIZAÇÃO

⁴ Cuando un acontecimiento que necesita ser explicado desde diversos ángulos (político, económico, social, etc.) se ofrece de forma dispersa, disgregado en las secciones de economía, política etc. em lugar de ofrecer al lector una visión íntegra de la noticia sus implicaciones y sus consecuencias.

⁵ Procesos en los que los hechos aparentemente nuevos o inesperados son las sucesivas puntas de muchos icebergs sociales cuyas partes ocultas nunca fueron lo suficientemente mostradas.

Entendemos como modalidades comunicativas nas reportagens hipermídia todos os recursos utilizados para relatar e comunicar a informação, como o texto, o som, as imagens estáticas e dinâmicas, os gráficos, os hiperlinks, as animações. Os autores García-López (2003), Canavilhas (2007) e Santana (2008) abordam esses recursos nos seus estudos para pensar a função de cada elemento dentro da notícia. Nossa intenção é investigar o papel dessas modalidades na construção da contextualização da informação na reportagem hipermídia.

Na reportagem hipermídia “O Golpe e a Ditadura Militar”, o texto ainda atua como fio condutor da reportagem, embora em alguns momentos da reportagem outras modalidades assumam maior importância para a contextualização dos acontecimentos e a construção da narrativa, como na Figura 04 - onde o infográfico reúne informações sobre pessoas que sumiram e que foram mortas pela ditadura. Cada boneco representa uma vítima. O usuário pode clicar em cada um que abrirá uma janela com informações pessoais e a contextualização da morte ou desaparecimento. García-López (2003) destaca que, nas reportagens multimídia, o texto não recebe tanta atenção, tendo em vista que a informação é distribuída entre as outras mídias utilizadas. Isso se percebe na reportagem analisada, pois as demais modalidades aparecem com grande carga informativa de contextualização e aprofundamento ao texto.

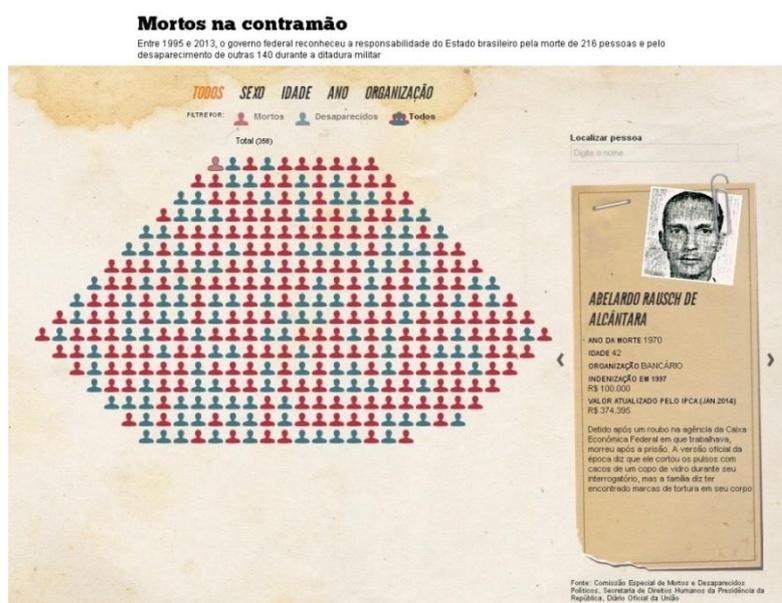


Figura 04 - Infográfico interativo com informações de mortos e desaparecidos durante o regime militar.
Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar>

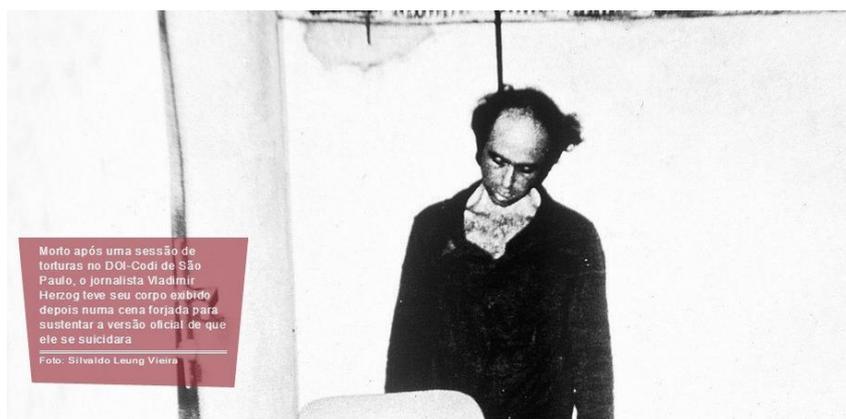


Figura 06 – Foto de Vladimir Herzog morto no DOI/CODI

Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar>

Os vídeos acrescentam à reportagem depoimentos de pessoas que sofreram com a ditadura (sendo presas, torturadas ou exiladas) e de pessoas que tiveram posições de destaque na política da época ou que faziam parte de alguma ação do governo para conter os opositores. Os vídeos têm caráter histórico, como o que o governo apresentou em um cinejornal para abordar o tema da reforma agrária em 1963 (Figura 07). Esses vídeos que representam fragmentos históricos são apresentados ao lado do texto e necessitam que o usuário clique para que eles rodem. Já os vídeos, que apresentam os depoimentos, são todos em autoplay (o usuário não precisa clicar, na medida em que ele aparece na tela já começa a rodar) (Figura 08). O vídeo é uma modalidade bastante explorada na reportagem.

Dezenas de propostas de reforma agrária foram discutidas no Legislativo durante o governo Goulart, mas nenhuma vingou. Sem força para convencer o Congresso a aprovar mudanças, Jango tentou obter autorização para fazer as reformas por decreto. Ninguém topou. Havia eleições marcadas para 1962, e Jango sugeriu então que o novo Congresso ganhasse poderes para aprovar reformas por maioria simples, sem os dois terços exigidos pela Constituição. A desconfiança sobre as intenções do presidente era grande, e a ideia foi recusada.



Figura 07 – Vídeo que mostra como o governo tratava o tema da reforma agrária
Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar>

Acatando uma sugestão dos ministros militares e alegando que a radicalização política ameaçava a segurança do país, Jango propôs então ao Congresso a decretação de estado de sítio. O plano era usar o instrumento para intervir na Guanabara e em São Paulo, afastando Lacerda e o governador paulista, Adhemar de Barros, mas até aliados de Jango à esquerda suspeitavam que podiam ser atingidos. O pedido foi rechaçado por todos os partidos e o presidente viu-se obrigado a retirá-lo três dias depois. A iniciativa teve efeito desastroso, aumentando ainda mais as desconfianças em torno de Jango.



Figura 08 – Vídeo com autoplay inserido ao longo do texto

Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar>

O áudio como modalidade comunicativa é usado para recuperar trechos da história e, principalmente, para contextualizar a informação apresentada no texto, contribuindo para o entendimento dos fatos. Eles são introduzidos em momentos chaves na narrativa e são materiais carregados de informação histórica, que por si só já os caracterizam como fatos históricos. Destacamos, como exemplos, os áudios da conversa do presidente americano Lyndon Johnson, autorizando o envio de uma frota de navios para apoiar os golpistas em caso de reação do presidente brasileiro João Goulart com um de seus assessores McGeorge Bundy (Figura 09), e o anúncio do presidente do Congresso Nacional, senador Auro de Moura Andrade, sobre a saída de Jango da presidência (Figura 10). Para García-López (2003), os arquivos de áudio são mais simples na reportagem no meio digital do que no rádio, seu meio originário, principalmente porque são apresentados na maioria em seu estado bruto. Isso é o que ocorre na reportagem hipermídia estudada. É importante destacar que, nesta reportagem, a riqueza do material sonoro está justamente no seu estado bruto, porque ele remete o usuário ao momento do acontecimento.

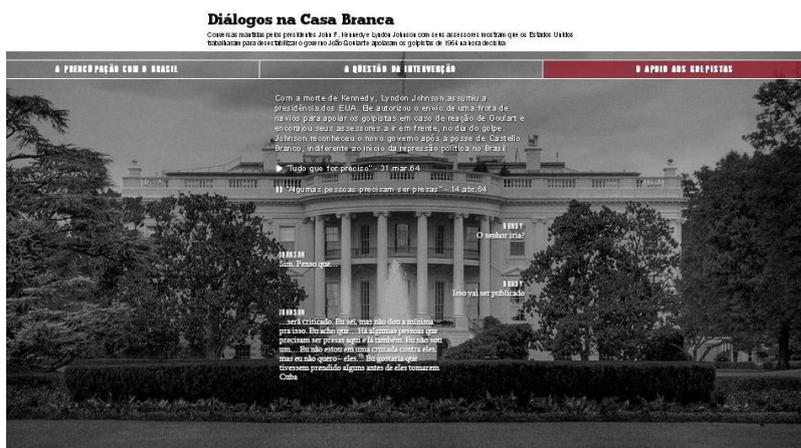


Figura 09 – Áudios do presidente norte-americano sobre o apoio ao golpe
Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar>

Depois que as tropas do general Mourão começaram a marchar, em poucas horas os principais comandantes militares aderiram aos golpistas, deixando Jango isolado e sem condições de reagir. Aproveitando-se da ausência do presidente, que viajara de Brasília para Porto Alegre, o senador Auro de Moura Andrade (PSD), presidente do Congresso, convocou uma sessão extraordinária e declarou vaga a Presidência da República, abrindo caminho para a formação de um novo governo sob controle dos golpistas.

O governo dos Estados Unidos acompanhou tudo de perto. Temendo que o Brasil fizesse como Cuba e aderisse ao bloco comunista, os EUA contribuíram para desestabilizar Jango ao financiar seus adversários no Congresso e começaram a discutir em 1963 a possibilidade de uma intervenção militar no país. Na hora

“NAÇÃO ACÉFALA”
 Ouça um trecho da declaração do senador Auro de Moura Andrade



Fonte: Câmara dos Deputados

Figura 10 – Áudio com trecho da declaração do presidente do Congresso Nacional sobre a saída de Jango da presidência da República
Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar>

A infografia é uma das modalidades comunicativas bastante utilizada nas reportagens impressas. Mas, podemos dizer, que ganha novas configurações e limites na reportagem hipermídia. García-López (2003) ressalta quatro utilizações para a infografia: apresentação de dados estatísticos, explicação de processos, caracterização de objetos e visualização de mapas. Na reportagem “O Golpe e a Ditadura Militar” elas são usadas principalmente para apresentar dados estatísticos (Figura 11) e para explicar fatos.

Do milagre à bancarrota

Os governos militares modernizaram a economia brasileira, mas não conseguiram sustentar o ritmo acelerado de crescimento da década de 70 sem criar dificuldades para a administração da economia na democracia

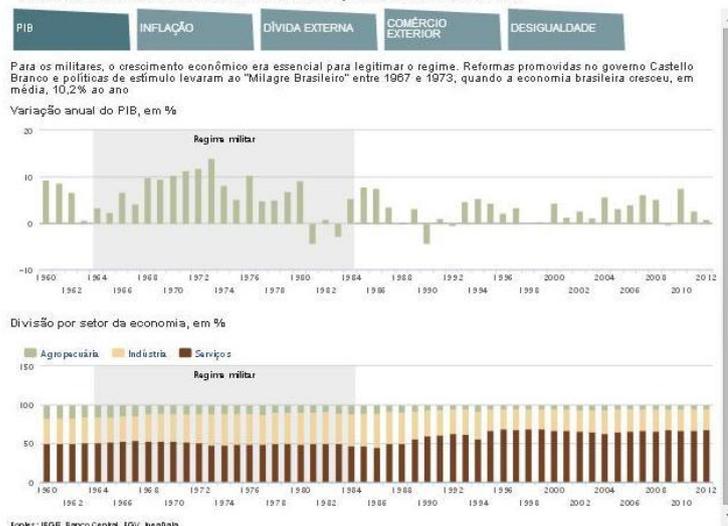


Figura 11 – Infográfico que apresenta os números do milagre econômico
Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar>

Acrescentamos as quatro utilizações que García-López (2003) atribui aos infográficos a contextualização dos objetos ou acontecimentos, como o que ocorre no infográfico animado (Figura 12). Com tecnologias e softwares recentes, ficou mais fácil transformar as infografias em aplicações animadas. Embora o infográfico seja apresentado em um mapa, a informação principal que ele traz é a situação em que se deu o golpe, contextualizando essa informação no tempo (apresenta os dias no canto superior esquerdo) e no espaço (os deslocamentos das tropas e do presidente Jango).



Figura 12 – Infográfico animado com a contextualização do golpe de 64
Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar>

O hiperlink é uma modalidade comunicativa pouco utilizada na reportagem hipermídia “O Golpe e a Ditadura Militar”, aparece mais no capítulo Fontes e Referências, dando acesso direto a alguns materiais externos, como os áudios da Casa Branca. Esse recurso, como se refere García-López (2003), amplia o potencial de divulgação do documento, possibilitando que seja feito download do material sonoro.

As modalidades comunicativas quando integradas na reportagem hipermídia no meio digital aliam forma e conteúdo, dando unidade à narrativa e cada elemento contribui de maneira substancial para o entendimento da informação. Longhi (2009) defende que o formato digital está ganhando cada vez mais destaque, principalmente, “pela utilização de recursos técnicos. Assim como no impresso, o princípio fundamental da associação indissolúvel entre conteúdo e forma também define a configuração da informação no digital” (LONGHI, 2009, p. 193).

6 CONSIDERAÇÕES

A integração entre as modalidades comunicativas na construção da narrativa da reportagem hipermídia é importante para contextualizar as informações apresentadas no texto. Cada uma das modalidades tem função específica na contextualização da reportagem. As fotos (todas do período da ditadura) têm o papel de reforçar a narrativa textual, principalmente porque trazem ao enredo imagens feitas na época dos acontecimentos. Os vídeos ampliam a informação com depoimentos de personagens que participaram de episódios relevantes da história da ditadura brasileira e inserem, na narrativa, elementos mais subjetivos, expressos nas opiniões de cada personagem, que serve também para contextualizar os fatos. O som, reproduzido em várias oportunidades, traz à reportagem falas históricas, que reforçam a contextualização e se prestam também para dar veracidade aos fatos reportados. Os infográficos contextualizam as informações apresentadas nos textos e nos vídeos por meio de estatísticas e explicações mais simples e de fácil visualização para o usuário. Os hiperlinks, mesmo sendo um recurso pouco utilizado na reportagem hipermídia analisada, têm como função principal credibilizar os documentos apresentados na reportagem.

Tendo como base as bibliografias utilizadas para pensar a questão da contextualização nas reportagens hipermídia e a partir da análise feita na reportagem “O Golpe e a Ditadura Militar”, podemos concluir que embora, neste objeto de estudo, não estejam presentes as

“novas formas emergentes de jornalismo”, as quais também caracterizam o jornalismo contextualizado, apontadas por Pavlik em entrevista concedida a Zamith (2013): o uso de mídias locativas e de realidade aumentada, não há prejuízo na contextualização. A superficialidade, destacada por Zamith (2013), como uma marca do ciberjornalismo, pela valorização à rapidez da informação em detrimento da contextualização, é uma verdade quando falamos de notícias, mas não de reportagens. Assim como no jornalismo impresso, de TV e de rádio as reportagens operam de maneira diferente, uma de suas funções é o aprofundamento do tema. Por isso, divergimos de Zamith (2013) e defendemos que nos cibermeios (expressão usada por Zamith para definir os sites jornalísticos) também há trabalho aprofundado, contextualizado e abrangente, podendo principalmente ser encontrado nas reportagens hipermídia.

A reportagem “O Golpe e a Ditadura Militar” se distancia do “jornalismo mosaico”, simplista, e se aproxima do que Mar de Fontcuberta (2006) chama de “jornalismo sistema”, aprofundado, no qual as partes diferentes estão inter-relacionadas, articuladas em contexto e interatuam dentro de uma organização. A reportagem hipermídia é o gênero que aproveita as potencialidades comunicativas na web para contextualizar as informações e contribuir para um jornalismo de qualidade nos cibermeios.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, J. *Jornal, história e técnica*. 4. ed. São Paulo: Ática. 2v. v2: As técnicas do jornalismo, 1990.
- BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, J. *Notícias e mobilidade: o jornalismo na era dos dispositivos móveis*. Covilhã, PT: Livros LabCom, 2013, p. 33-54. Disponível: <http://migre.me/hUrFq>. Acesso em 07 de set. de 2013.
- BARBOSA, Suzana. *Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) - Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos*. 2007. (Tese de Doutorado). PósCOM/UFBA. Disponível em: <http://migre.me/hkrS4> Acesso em 15 de jul. de 2013.
- BARBOSA, Suzana; TORRES, Vitor. Extensões do Paradigma JDBD no Jornalismo Contemporâneo: modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. In: *Anais eletrônicos do XXI Encontro Compós*. N. 21, v. 1. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2012.
- CANAVILHAS, João. Da remediação à convergência: um olhar sobre os media portugueses. *Brazilian Journalism Research* – v. 8, n. 1, 2012. p. 7-21. Disponível em: <http://migre.me/hjqO4> Acesso em: 11 de out. de 2013.
- CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan. Jornalismo em transição: do papel para o tablet... ao final da tarde. In: CANAVILHAS, João; FIDALGO, António. *Comunicação digital: 10 anos de investigação*. Coimbra, Editora MinervaCoimbra, 2013.

- CANAVILHAS, João. Webnotícia: proposta de modelo periodístico para la WWW. Covilhã, Livros Labcom, 2007. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110823-canavilhas_webnoticia_final.pdf>
- CHAPARRO, Manuel Carlos. Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Satarem: Jortejo, 1998.
- FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Hector. Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción. Buenos Aires: La Crujía, 2006.
- GARCÍA, Xosé López. Movimientos periodísticos: las múltiples iniciativas profesionales y ciudadanas para salvar los elementos básicos del periodismo en la era digital. Sevilla, Zamora, Comunicación Social Ediciones y Publicaciones. 2012.
- GARCÍA-LÓPEZ, Guillermo. Géneros interpretativos: el reportage y la crónica. In: NOCI, Javier Díaz; SALAVERRÍA, Ramon. Manual de Redacción Ciberperiodística. Barcelona: Ariel, 2003. p. 449-494.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. Os Elementos do Jornalismo. Porto: Porto Editora, 2005.
- LAGE, Nilson. A reportagem, teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística. São Paulo: Record, 2001.
- LONGHI, Raquel. Infografia online: narrativa intermídia. In: Estudos em Jornalismo e Mídia. Ano VI, n. 1. jan./jun. 2009. p. 187-196. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p187/10423>
- LONGHI, Raquel. Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia. Estudos em Comunicação, Portugal, v. 2, n. 7, p.149-161, maio 2010.
- LONGHI, Raquel Ritter; SOUSA, Maíra. A dinâmica da notícia na internet: organizações jornalísticas e atores da rede. Contemporanea (UFBA. Online), v. 10, p. 511-529, 2012. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6343/4686>
- MACHADO, Irene A. Gêneros no contexto digital. In: LEÃO, Lúcia (Org.). Interlab. Labirintos do Pensamento Contemporâneo, São Paulo: Iluminuras, 2002. P. 211-234.
- MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. Gêneros jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- MEDINA, Cremilda de Araujo. A arte de tecer o presente: (jornalismo interpretativo). São Paulo: Média, 1973.
- MELO, J. M. de. A opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1985
- MIELNICZUK, Luciana. (2003). Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. (Tese de doutorado). FACOM/UFBA, Salvador.
- MIELNICZUK, Luciana. O estudo da narratividade no ciberjornalismo. In: PALACIOS, Marcos;
- DÍAZ NOCI, Javier (Org.). Metodologia para o estudo dos cibermeios. Estado da arte & perspectivas. Edufba, Salvador, 2008. p. 161-175.
- PAVLIK, John V. Journalism and New Media. New York: Columbia University Press, June, 2001.



SANTANA, Liliam Marrero. El reportaje multimedia como género del periodismo digital actual. Acercamiento a sus rasgos formales y de contenido. In: Revista Latina de Comunicación Social. Terenife. n. 63, jan. 2008. Disponível em:
<http://www.revistalatinacs.org/08/29_40_Cuba/Liliam_Marrero.html> Acesso em 13 julho 2014.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. Técnica de reportagem. São Paulo: Summus, 1986.

ZAMITH, Fernando. A contextualização no ciberjornalismo. Porto: Porto: Edições Afrontamento/CETAC.MEDIA. 2013, p.201.

Original recebido em: 28 de agosto de 2015

Aceito para publicação em: 05 de outubro de 2016

Alciane Baccin

Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em Comunicação pela Universidade da Beira Interior (UBI – Covilhã/Portugal), mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e especialista em Comunicação Midiática e graduada em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É professora da graduação em Jornalismo e do Mestrado Profissional em Jornalismo do FIAM-FAAM Centro Universitário.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

